

Discussões teóricas sobre a prática educacional

Patrícia da Silva Campelo Costa

ASSIS-PETERSON, A. A. (Org.). *Línguas estrangeiras: para além do método*. São Carlos: Pedro & João; Cuiabá: EdUFMT, 2008.

A obra *Línguas estrangeiras: para além do método*, organizada por Ana Antônia de Assis-Peterson, contribui para a consolidação da área de Linguística Aplicada em línguas estrangeiras como um campo de conhecimento comprometido com a ciência e também com o social. O livro vai ao encontro das discussões de um grupo que não se limita a alunos e professores de Linguística e, desse modo, estende suas reflexões a qualquer leitor que se questione sobre conflitos de ordem linguística e educacional. Conforme enunciado pela pesquisadora na apresentação do livro, “educar seria aprofundar o entendimento do leitor sobre ele mesmo e sobre os outros” (p.16) e, de fato, concluída a leitura dos textos acadêmicos que compõem a coletânea, temos a nítida impressão de que os autores se reuniram a fim de pensar o verbo *educar*.

Disposta em um volume de 233 páginas, a obra reúne trabalhos que focalizam discussões sobre o ensino e o papel das línguas estrangeiras na sociedade brasileira, abrangendo estudos relacionados à aproximação entre pesquisa e práxis e às agruras por que passa o ensino de línguas estrangeiras no país, dentre outros. No decorrer de um trabalho fundamentado na pesquisa e na experiência em sala de aula da organizadora, a noção de *método* proposta no subtítulo é recorrente. Tal como anunciado na apresentação, esse conjunto de trabalhos se presta a apoiar a mudança paradigmática que não culpa o *método* pelo fracasso educacional. Diversos fatores sócio-históricos influenciam os contextos escolares, e limitar a idéia de aprendizagem eficaz à utilização de métodos específicos constitui, de fato, uma visão um tanto ingênua; por conseguinte, todos os artigos se propõem a discutir o ensino e a aprendizagem de língua estrangeira sem se ater a sugestões formulaicas de como o

professor deve atuar, favorecendo o tom de negociação entre os estudos acadêmicos e a escola.

Em relação à sua organização estrutural, o livro é constituído pela apresentação, na qual a autora fornece um panorama geral sobre a proposta do trabalho, seguida de três seções com três artigos cada, nas quais os textos se relacionam com a parte do livro em que estão incluídos. Na apresentação, a organizadora traz aportes teóricos que sustentam sua opinião acerca da limitação do termo *método* no ensino e utiliza alguns subsídios da Análise do Discurso para iniciar sua discussão sobre a visão que temos de língua, partindo do exame de um cartaz que traz como exemplo na capa do livro, no qual consta uma inscrição que requer do leitor a pronúncia correta de uma palavra em inglês. Tendo como mote tal imagem, a autora inicia uma discussão que terá ligação com todos os textos da coletânea.

A seção *Vivências de Aprendizagem* inicia a obra. O primeiro texto intitula-se “O drama do ensino de inglês na escola pública brasileira” e tem autoria de Maria Inês Pagliarini Cox e Ana Antônia Assis-Peterson. Nele, é apresentado um histórico sobre o ensino de línguas estrangeiras no Brasil, abarcando o papel do inglês na escola regular e as modificações de metodologia ocorridas desde os anos 50, assim como o momento corrente em que o inglês é visto como língua franca. É nesse texto que a voz de autoria mais se faz presente em todo o livro, pois traz, nas experiências das autoras, argumentos de grande valia para que possamos concordar com sua conclusão – a de que ultimamente as condições de trabalho do professor devem ser postas em discussão antes mesmo do debate sobre questões metodológicas.

160

A seguir, em “A visão de pessoas comuns sobre os anglicismos: três vertentes que permeiam a questão”, Orlandina Della Justina examina a opinião de “pessoas comuns”, não ligadas ao campo linguístico, sobre a presença dos anglicismos nas suas atividades diárias. Para tanto, observa as crenças desses sujeitos acerca da visão do inglês como instrumento de empoderamento, influência massificante da mídia ou ameaça à soberania linguística do português. A partir dessas análises, a autora acredita que o professor de língua estrangeira possa ter mais subsídios para discutir questões linguísticas e ideológicas relacionadas ao uso de anglicismos.

Concluindo a primeira parte do livro, Julie Kellen de Campos Borges, em “Como um touro na loja de porcelana ou das condições comunicativas de um estrangeiro no Brasil”, relata algumas interações conversacionais de um americano (David) aprendiz de português como língua estrangeira no Brasil, em três contextos: na escola, no trabalho e na família. O objetivo do artigo é descrever como atuam David e seus interlocutores em eventos interacionais, além de incluir percepções do aprendiz sobre essas comunicações interculturais. A partir das observações, a pesquisadora conclui que nos contextos comunicativos em que David ocupava posição de autoridade, no trabalho, seus desvios linguísticos eram tolerados, visto que a linguagem informativa era o essencial nesses momentos.

Iniciando a segunda seção, *Aproximações e Possibilidades de Pesquisa*, na qual a teoria discutida é contrastada com o fazer educacional, encontramos o texto “A mudança como possibilidade: o micro e o macro num estudo colaborativo”, de Ana Larissa Adorno Marciotto Oliveira e Deise Prina Dutra, sobre o modo como sessões

colaborativas entre pesquisadoras e professoras podem influenciar a ação docente. Na primeira fase do trabalho, foram realizados encontros quinzenais e, em um segundo momento, as autoras retornaram às instituições das professoras para verificar quais os efeitos dos debates no agir em sala de aula. Concluem que a mudança é possível, desde que haja transposição da teoria para a prática e engajamento colaborativo.

A seguir, Solange Maria de Barros Ibarra Papa, em "O professor reflexivo e a prática pedagógica emancipatória", analisa como a emancipação crítica do professor é possível quando há reflexão sobre a ação. Ao examinar as experiências docentes e o discurso de uma professora de inglês em uma escola pública de periferia, a autora utiliza a Gramática Sistemico-Funcional e a Análise Crítica do Discurso para entender como as escolhas linguísticas da informante registram suas percepções acerca da educação reflexiva.

Encerrando a seção, Leandra Inês Seganfredo Santos, em "O ensino de língua inglesa e a importância do conhecimento das crenças que o envolvem", trata de questões relacionadas ao efeito das crenças na situacionalidade do inglês e vice-versa. Também partindo de um histórico sobre o ensino de língua inglesa no Brasil, a autora acredita que o estudo das percepções de professores e alunos quanto à relevância do inglês é essencial para uma prática pedagógica crítica e consciente.

A terceira parte do livro aborda os *Desejos de Ensino em Perspectiva*. O texto inicial, "O ensino de inglês como língua internacional no Brasil e o lugar da cultura", de Sávio Siqueira, problematiza a noção de língua como cultura, salientando o fato de que ensinar cultura limitando-se a uma simples transmissão de informações sobre costumes de um determinado país restringe muito o ensino. Desse modo, inclusive com exemplos de um livro didático, é proposto que o trabalho pedagógico também leve em consideração as culturas locais do aprendiz de modo a favorecer a compreensão dos fenômenos linguísticos e culturais.

No texto "Da teoria à prática: análise do discurso e ensino de línguas não-maternas", Sérgio Flores Pedroso salienta a relevância das teorias textual e discursiva, que enfatizam o trabalho com gêneros discursivos, de modo a acrescentar aspectos até então não priorizados na abordagem comunicativa. A partir dessas duas correntes, o foco na produção de sentidos em uma língua estrangeira, assim como o cuidado com componentes ideológicos da linguagem, podem ser colocados em evidência. Para efeito de análise, o autor examina um livro didático de espanhol como língua estrangeira e a partir de exemplos justifica o porquê da importância de assumir uma postura textual e discursiva.

Finalmente, em "A revista *Escola* e o discurso de entretenimento no ensino de línguas estrangeiras", de Márcia de Moura Gonçalves, encontramos uma análise de uma reportagem da revista *Escola* sobre o ensino de língua estrangeira. A autora, baseada na Análise de Discurso Crítica e a partir de uma observação acerca da prática discursiva constituída no texto em exame, vê a reportagem analisada como propensa a indicar aos professores medidas a serem adotadas em sala de aula, de modo a incitar aulas que sejam instigantes.

Ao organizar um livro que se propõe a acrescentar discussões *para além do método*, Ana Antônia Assis-Peterson contribui para uma fermentação intelectual disposta

a tecer liames entre a pesquisa e a práxis. Assim, essa obra consiste em um compêndio de textos fundamentais para um entendimento maior de como o ensino de língua inglesa no Brasil chegou ao lugar em que está hoje, servindo de instrumento de empoderamento ou exclusão.

Patrícia da Silva Campelo Costa é mestranda em Linguística Aplicada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e professora substituta de língua inglesa no Departamento de Línguas Modernas do Instituto de Letras dessa universidade.

patricia.campelo@yahoo.com